



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAFIC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – DFI

ERIZONEIDE SANTOS AMORIM

O ENGAJAMENTO POLÍTICO NA FILOSOFIA DE SARTRE

MOSSORÓ - RN
2021

ERIZONEIDE SANTOS AMORIM

O ENGAJAMENTO POLÍTICO NA FILOSOFIA DE SARTRE

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte como um dos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

ORIENTADORA: Professora. Dra. Silvana Maria Santiago

MOSSORÓ – RN

2021

ERIZONEIDE SANTOS AMORIM

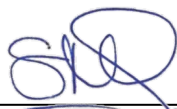
O ENGAJAMENTO POLÍTICO NA FILOSOFIA DE SARTRE

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte como um dos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

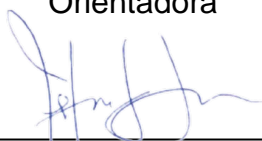
Aprovado em: 17/06/2021

Conceito final: 9.0.

BANCA EXAMINADORA



Prof.(a) Dr.(a) Silvana Maria Santiago - UERN
Orientadora



Prof. Dr. Telmir de Souza Soares
Examinador I



Prof. Dr. Manoel Jarbas Vasconcelos Carvalho
Examinador II

Catlogação da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A524e Amorim, Erizoneide Santos
O engajamento político na filosofia de Sartre.
/ Erizoneide Santos Amorim. - Mossoró, 2021.
35p.

Orientador(a): Profa. Dra. Silvana Maria
Santiago. Monografia (Graduação em Filosofia).
Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte.

1. Filosofia. 2. Sartre. 3. Política. 4.
Engajamento. 5. Liberdade. I. Santiago, Silvana
Maria. II. Universidade do Estado do Rio Grande
do Norte. III. Título.

"Acaso, no fundo, o que amedronta, na doutrina que vou tentar expor-vos, não é o fato de ela deixar uma possibilidade de escolha ao homem?" (SARTRE, 1973, p. 10).

AGRADECIMENTOS

Sou grata a todos que de alguma forma possibilitaram a conclusão desse curso, sendo de forma direta ou indireta. Agradeço primordialmente à minha mãe, Erineide Maria de Fátima Santos Amorim, ao meu pai, Francisco Herineldo de Amorim, e irmã, Maria Elaine Santos Amorim, por todo o apoio durante essa jornada na graduação, por sempre serem meu alicerce. De forma geral, agradeço a todos os membros da minha família que se fizeram presentes nesta caminhada.

Agradeço ao meu companheiro de existência, Simão Pedro Ferreira Gonzaga, pelas várias discussões históricas e filosóficas. Pelas dúvidas que sempre me despertava e pelas soluções apresentadas. Grata também por tê-lo conhecido em meio a essa formação. E a toda a sua família, que já é minha também.

Aos meus colegas de curso que foram sempre tão presentes e significativos, pelos vários debates, trabalhos em grupos, viagens, eventos acadêmicos. Agradeço a vocês pela união e incentivo de sempre. Por terem feito valer o significado de *philos*: amigos, *sophia*: sabedoria. Isso é gratificante.

À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, pela formação possibilitada, por ser uma universidade plural e diversa. Ao departamento e à faculdade. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelos auxílios concedidos que ajudaram a me manter no curso, pela formação possibilitada e experiências vivenciadas.

Por fim, a todos os professores que contribuíram de forma significativa na minha formação. Em especial à minha orientadora Silvana Maria Santiago, por guiar este trabalho, pela dedicação, compreensão e cuidado. E aos professores Telmir de Souza Soares e Maria Veralucia Pessoa Porto, que sempre foram para mim exemplos de dedicação e comprometimento.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho monográfico a todos aqueles que sonham e buscam por um mundo mais justo, seguro e resiliente. A todos os estudantes, principalmente àqueles vindos de origem humilde, que enfrentaram e enfrentam dificuldades diariamente, mas não desistem dos seus sonhos.

A todos os trabalhadores que sustentam esse país, principalmente aos profissionais da educação que, apesar da falta de incentivo e reconhecimento por parte da classe política, seguem lutando por um mundo melhor.

Seria egoísta atribuir essa conquista somente a mim mesma. Sou grata e dedico a todas aquelas pessoas que cruzaram o meu caminho ao longo dessa jornada chamada vida. Aos meus avós, João Bosco dos Santos Rosa (*In Memoriam*) e Antônio Amorim Neto (*In Memoriam*), que não tiveram a oportunidade de vivenciar esse momento comigo. Aos meus pais, irmã, esposo e todos os meus familiares que torcem e vibram com essa conquista. Mesmo que de forma muito simples, cada ato e palavra contribuíram para meu crescimento como estudante, e principalmente como pessoa.

RESUMO

Esse trabalho visa a mostrar a questão do engajamento político na filosofia de Sartre (1905-1980), a partir do estudo e análise bibliográfica de suas obras *O existencialismo é um humanismo* (1946), *Diário de uma guerra estranha* (1939) e *Que é a literatura?* (1964). O engajamento em Sartre é a expressão da liberdade; nele não há uma divisão entre vida e obra, tampouco entre filosofia e literatura. O objetivo desse estudo é o de compreender que o engajamento só é possível a partir das categorias de liberdade e responsabilidade, destacando a importância do intelectual como responsável por despertar uma consciência crítica e uma literatura comprometida com as questões do seu tempo. Esse trabalho é importante para responder às seguintes perguntas: qual a concepção de Sartre acerca do engajamento? Como e por que ele a desenvolve? E, por fim, qual sua importância em seu pensamento?

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Sartre. Política. Engajamento. Liberdade.

ABSTRACT

This paper aims to exhibit the matter of political engagement in Sartre's philosophy (1905–1980) from the study and the analysis of the books *Existentialism is a Humanism* (1946), *War Diaries: Notebooks from a Phony War I* (1939) and *What Is Literature?* (1964). For Sartre, political engagement is an expression of freedom, where there is no division between life and work nor philosophy and literature. The objective of this study is to understand that engagement is only possible through the categories freedom and responsibility, highlighting the importance of the intellectual as responsible for awakening a critical conscience and a literature committed to the issues of his time. This work is important to answer the following questions: “What is Sartre’s conception regarding engagement?”, “How and why did he develop it?” and “What is its importance in his thinking?”.

KEYWORDS: Philosophy. Sartre. Politics. Engagement. Freedom.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. SARTRE E A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA	12
2.1. EXISTENCIALISMO SARTREANO	12
2.2. O FILÓSOFO EM MEIO À GUERRA	16
2.3. ENGAJAMENTO: DA VIDA ÀS OBRAS	19
3. POR UM ENGAJAMENTO RESPONSÁVEL	23
3.1. CRÍTICA AOS INTELECTUAIS DO SÉCULO XX	23
3.2. LITERATURA ENGAJADA	26
3.3. LIBERDADE E RESPONSABILIDADE	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
5. REFERÊNCIAS	33
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

É da relação entre consciência e mundo objetivo que resulta a liberdade, a estrutura fundamental da existência humana. Dessa maneira, ela não se dá apenas no ato, é formada por motivos e consequências. O homem sempre estará posto a escolher dentro de determinada situação, não há como abster-se disso no sentido de que o não decidir-se por algo é também uma escolha.

Isso não se restringe à inclinação com as questões de cunho político-social, mas envolve a própria consciência da responsabilidade humana com essas, como escolhas coletivas, e com sua existência de indivíduo. Assim, o engajamento proposto por Sartre é algo que precisa ser despertado nos indivíduos.

Esse estudo tem como tema: “O engajamento político na filosofia de Sartre”, se propondo a compreender o significado, a incumbência disso no pensamento do filósofo, por meio de sua obra consagrada *Que é a literatura?* (1964), na qual o autor defende uma literatura engajada e, conseqüentemente, também, que esses intelectuais estejam empenhados com seu tempo e com sua época.

O engajamento filosófico, político e literário do próprio Sartre aparecem em muitas de suas obras, aliás, o pensador foi considerado o mais atuante filósofo do século XX. Destaca-se o *Diário de uma guerra estranha* (1939), obra póstuma na qual fazia anotações diárias no período em que serviu o exército francês durante a Segunda Guerra Mundial.

Nela, está exposto o Sartre engajado, ou seja, ele evidencia as relações existentes entre seu pensamento, sua atividade teórica e sua vida de intelectual atuante na política. Com base nisso, é fundamental refletir a respeito da importância do engajamento. Não apenas do intelectual, mas de qualquer indivíduo. Isso significa uma forma de pensar na política com responsabilidade e de promover uma das categorias cruciais para o desenvolvimento desta para o filósofo: a liberdade.

Esse sempre foi um dos grandes temas discutidos por muitos filósofos de qualquer período da História da filosofia. Não se deu de forma diferente com Sartre, que colocou a liberdade no patamar elevado. Para ele, essa é a única coisa que o indivíduo não pode se recusar a possuir, visto que a própria abstenção configura uma liberdade de escolha.

O filósofo não atribuiu a nenhuma divindade, ou mesmo à sociedade, a

responsabilidade nas escolhas e modos de vida do indivíduo. Dessa forma, toda e qualquer ação exige responsabilidade. Quando há consciência dessa responsabilidade humana, particular e coletivamente, diz-se que o sujeito é engajado. Visto que o engajamento não é necessariamente para uma ação objetiva, mas é antes uma conscientização subjetiva, é de suma importância compreender que segundo o próprio Sartre, todo indivíduo vive em determinada situação dentro da qual o engajamento se dá com nuances particulares.

Qual é a concepção de Sartre acerca do engajamento? Como e por que o escritor desenvolve essa temática? Qual a importância dessa questão em seu pensamento? Para responder a essas perguntas, é necessário compreender o seu pensamento de maneira geral e o contexto histórico no qual o filósofo estava inserido. É indispensável afirmar que a ideia de liberdade e de responsabilidade exige do indivíduo um engajamento, o que não se dá apenas no plano individual, mas significa uma responsabilidade com a totalidade. Isso implica a realidade, o mundo, a natureza, o próprio indivíduo e os outros. Isso denota um engajamento real em uma situação vivida, onde todos estão envolvidos. O entendimento desse engajamento é, pois, o problema que este trabalho monográfico se propõe a elucidar.

Inicialmente, no primeiro capítulo, será apresentado o Sartre engajado, sua vida, sua filosofia existencialista, sua experiência durante a Segunda Guerra Mundial e seu viés político que aflorou após tal episódio. Além da compreensão de uma ética Sartreana da responsabilidade.

No segundo capítulo, o foco será dado ao engajamento no âmbito literário, às críticas empreendidas por Sartre aos intelectuais de sua época e à forma como a literatura pode e deve ser um meio para despertar ações engajadas em que há responsabilidades individuais e coletivas. Por fim, tem como objetivo compreender a importância do engajamento político na filosofia de Sartre e por que essa temática não pode ser separada das noções de liberdade e de responsabilidade, que estão diretamente implícitas.

2. SARTRE E A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA

2.1 EXISTENCIALISMO SARTREANO

Jean-Paul Sartre, nascido no ano de 1905, órfão de pai e criado pela mãe e avós em família burguesa e protestante, tem seu pensamento amplamente divulgado e conhecido no âmbito da Filosofia por seu viés ontológico e fenomenológico. Entretanto, sua filosofia se apresenta também na perspectiva prática, visto que Sartre foi um filósofo cuja teoria e prática se confundem no seu pensamento.

Diversas foram as obras escritas por Sartre ao longo de sua jornada. Apesar de umas serem de caráter literário e outras filosóficas, todas elas tinham um aspecto em comum: o de criticidade. As peças teatrais tinham o mesmo objetivo: inquietar aqueles que as assistiam ou as liam. Dessa forma, seria falho categorizar um Sartre literato e um Sartre filósofo, na medida em que essas facetas se complementam, apesar de serem tomados por formas de expressões diferentes: enquanto uma se ocupa da elucidação dos fatos, a outra se ocupa em descrevê-los.

O escritor teve sua “gênese” na filosofia antes dos 20 anos. Apesar de ser um pouco avesso à academia e preferir a solidão, ingressou na Escola Normal Superior em Paris, em março de 1925. Foi nessa época que Sartre encontrou sua companheira inseparável nas discussões filosóficas e em toda a vida, Simone de Beauvoir. Com ela, o filósofo possuía um relacionamento aberto, totalmente fora dos padrões de sua época. Beauvoir foi uma mulher autêntica, a maior crítica dos escritos de Sartre, oferecendo contribuições significativas às suas obras e ao seu pensamento.

Em sua obra *A Cerimônia do Adeus* (1981), a filósofa narra os últimos dez anos do autor e as últimas contribuições no que concerne ao seu pensamento, além de suas experiências politicamente engajadas e as debilidades que o levaram a falecer no ano de 1980.

No ano de 1931, é nomeado professor de filosofia em Le Havre, nos anos de 1933 e 1934, Sartre sucedeu o também filósofo e amigo, Raymond Aron, no Instituto Francês de Berlim. Foi nessa época que estudou a fenomenologia e seus principais expoentes: Heidegger, Scheler e Husserl. Seu contato com tal

pensamento filosófico construiu bases sólidas para o desenvolvimento de sua filosofia existencialista.

O termo fenomenologia foi criado no século XVIII pelo filósofo J.H. Lambert (1728-1777), se tornando uma das filosofias mais importantes do seu século, principalmente na França e Alemanha. É a ciência dos fenômenos, ocupa-se da forma como eles se apresentam à nossa experiência. É uma autorreflexão da humanidade, utilizando o método descritivo. O sujeito torna-se então o próprio objeto da análise filosófica, justamente no âmbito de sua cotidianidade, ou seja, em todos os seus aspectos da vivência prática.

Temáticas como situação, projeto, cotidianidade, facticidade e contingência, que são trabalhadas por Sartre, podem ser percebidas como influências de Heidegger, nas décadas de 1920/1930, no próprio *Ser e tempo* (1927). Por sua vez, a fenomenologia Husserliana define-se como um retorno às coisas mesmas, ou seja, aos fenômenos que aparecem na nossa consciência, buscando uma filosofia concreta visando à superação da oposição tradicional entre idealismo e realismo.

Sartre tem bases sólidas na fenomenologia, principalmente desses dois filósofos citados acima. Entretanto, sua própria filosofia tomou o viés existencialista. De acordo com Simone de Beauvoir (apud YAZBEK, 2008, p. 28):

Sartre, por seu lado, pretende, com base na fenomenologia Husserliana, fundar o existencialismo como um *humanismo possível* do período de guerras: 'Esta ligação da transcendência /.../ e da subjetividade /.../ é o que chamamos de humanismo existencial'. 'Subjetividade', neste caso, significa que o homem 'não está fechado sobre si mesmo, mas presente sempre em um universo humano'; a 'transcendência', por seu turno, diz respeito ao 'projetar-se' e ao 'perder-se fora de si' que caracteriza a 'existência': como 'ser consciente'.

O escritor é considerado no meio acadêmico como um dos maiores expoentes do pensamento existencialista francês, corrente filosófica que tem como pilar a preocupação com a vida ou, como o próprio nome sugere, com a existência humana.

Trata-se, pois, de colocar o indivíduo em uma posição esquecida pela tradição filosófica, na medida em que desde os pré-socráticos e filósofos naturalistas as maiores preocupações giravam em torno da natureza, do cosmo, na busca por explicações sobre o universo e a origem das coisas, por um princípio original.

A preocupação sempre existia com aquilo que circundava o homem, que o antecedia ou precedia. Na compreensão de que todo homem possui uma essência, que o indivíduo já nasce disposto a determinadas atitudes, vivências e comportamentos. Já em Sartre o homem é posto como figura principal, inclusive de seus próprios estudos.

O pensamento existencialista, como o próprio nome indica, dá ênfase à existência humana. A tradição filosófica, desde Aristóteles, preocupou-se e preocupa-se com o ser e suas variações. Assim, o existencialismo é oposto à ideia de que o homem possui uma essência pré-determinada e passa a compreendê-lo como aquele que constrói o próprio destino. O pensador então anuncia:

O que significará aqui o dizer-se que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem, tal como concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer (SARTRE, 1973, p. 12).

A natureza, as coisas, os animais possuem uma essência. Por exemplo, uma cadeira é o ser mesmo da cadeira, aquilo com que faz que ela seja cadeira e não sofá. Não importam suas características, o fato de ser de madeira e não de plástico, com ou sem estofado, grande e não pequena; são todas características acidentais. Porém, há algo na cadeira com que faz que ela seja uma cadeira e não uma mesa.

Por sua vez, o ser humano possui algo diferente: ao contrário das coisas e dos animais, o ser humano não possui essência. Não há um modelo que regule o ser e seu destino. O futuro encontra-se disponível para o homem, sempre em aberto. Sartre não crê em um deus ou uma substância qualquer que regule o homem e lhe dê uma essência. Dessa forma, o indivíduo primeiro existe para depois ser.

Ele se tona algo graças à liberdade, conceito base fundamental na doutrina Sartreana. Para ele, não podemos deixar de escolher, isto é inevitável. Fomos lançados no mundo. Tal fato deu-se sem escolha. Entretanto, a partir daí escolhemos sempre e inevitavelmente. Ao escolher individualmente, acabamos por formar um conceito universal de homem. Cada escolha e não escolha impacta diretamente no mundo à sua volta. De acordo com Japiassu: “O cerne do

existencialismo é a liberdade, pois cada indivíduo é definido por aquilo que ele faz.” (JAPIASSU; MARCONDES, 2001, p. 70-71).

O filósofo realizou uma conferência, publicada no livro intitulado: *O existencialismo é um humanismo (1946)*. Nela, estão presentes as maiores considerações de Sartre acerca do existencialismo e a defesa das críticas a ele proferidas. O filósofo classifica a doutrina como humanista, pois para ele “torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana” (SARTRE, 1973, p. 10). Dá ao homem possibilidades de escolhas, não havendo como abster-se ou fazer suspensão de juízo. Dessa forma, cada ação tomada traz uma consequência social e subjetiva.

Para Sartre, liberdade é escolher dentro de determinada situação com responsabilidade. Nas palavras do autor: “Sou responsável por mim e por todos, e crio uma certa imagem do homem por mim escolhida; escolhendo-me escolho o homem” (SARTRE, 1973, p.13), de maneira que toda escolha é um engajamento.

Quando o indivíduo escolhe para si mesmo, escolhe também para o outro, mesmo que inconscientemente, não no sentido de que ele deva agir do mesmo modo, mas que toda ação individual infere em um reflexo na sociedade: não se trata, dessa forma, de uma universalização de ações tendo em vista que o indivíduo é sempre livre e não possui essência, não há em Sartre uma formulação de uma moral. Todavia, essa consequência social existe na medida a escolha do indivíduo poderá interferir sempre na vida do outro.

Conceitos como liberdade e engajamento são discutidos tanto de forma filosófica quanto literária. A própria vida de Sartre é expressão de suas ideias. Não há em Sartre uma dissociação, ele vivia que o que pregava e pregava o que vivia. Tudo em seu pensamento está intimamente ligado.

É na obra *O ser e o nada*, de 1943, que Sartre melhor expressa seu caráter ontológico e fenomenológico. Essa é considerada a maior e mais densa obra do pensador. De fato, nela seu pensamento é voltado para tal temática, ou seja, para a discussão do ser da existência, estando presente também o problema da responsabilidade, da liberdade e do outro. Essas questões já possuem ou são introdutórias ao seu engajamento político, que aparecerá na segunda fase da sua filosofia.

Engajamento para Sartre não pressupõe necessariamente uma crítica ou

atuação política partidária (embora o possa), mas é principalmente a conscientização referente a qualquer ato ou palavra e também em não agir, no silêncio. Desse modo, pode-se afirmar que:

O engajamento é a tomada de consciência, pelo homem, de que ele é um ser-no-mundo, está sempre situado, devendo lutar sempre contra todo quietismo, contra toda atitude contemplativa para comprometer-se por sua ação, com a mudança desse mundo, de nossa realidade histórica (JAPIASSU, 2001, p.61).

Engajamento ultrapassa, portanto, o território da ação. Engajar-se é comprometer-se de forma sempre responsável e crítica. O sujeito pode expressar esse engajamento por meio das artes, nos discursos, em obras escritas, nas peças de teatro. Todavia, é na literatura que Sartre compreende a forma de arte mais plena em que pode ser mais bem expresso o seu engajamento. Cada ação individual ou coletiva deve ser engajada porque o homem é liberdade, sempre posto a escolher e tais escolhas devem ser sempre responsáveis. Devem engajar-se com as questões do seu tempo, visto que o engajamento não está solto no ar. Ele se dá dentro de determinada situação

2.1. O FILÓSOFO EM MEIO À GUERRA

É inviável compreender a filosofia sem a história. O pensamento é o resultado do contexto no qual o autor está inserido. Não ocorreu de forma diferente com Sartre, que viveu em um contexto de guerras: a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

O envolvimento do filósofo na Segunda Guerra Mundial lhe possibilitou maior tempo para reflexão e uma tomada de consciência que o levou diretamente ao engajamento. Cohen-Solal, estudiosa da obra de Sartre, considera esse um fato marcante que direcionou o olhar de Sartre para o social. A esse respeito, leia-se:

O Sartre de 1945 não se confunde com o de 1939. Foi a grande transformação, a grande metamorfose de sua vida. Na entrada do túnel, professor de filosofia no liceu, dois livros no seu currículo, criatura isolada, individualista, pouco ou nada se importando com os assuntos do mundo, totalmente apolítico. Na saída, um escritor que desdobra seu talento em gêneros diversos, politicamente militante e querendo ser assim mesmo: um escritor consagrado que se converterá, poucos meses depois, em celebridade internacional (COHEN-SOLAL, 2008, p. 173).

Entre 1929-1931, o filósofo serviu ao exército Francês, na guerra da Argélia. Em 1939, Sartre foi recrutado para servir como meteorologista ao exército durante a segunda guerra mundial. Tempos depois, foi preso pelo exército Alemão. Essa vivência nas trincheiras foi decisiva na vida do filósofo. A partir de então, sua vida e suas obras voltaram-se muito mais para o viés político-social do que para uma reflexão introspectiva da consciência, como se percebeu nitidamente em *O ser e o nada* (1943). Portanto, pode-se constatar nas mudanças de foco que o pensador empreendeu, sobretudo em suas atitudes empenhadas pelo mundo afora, a influência das reflexões vivenciadas nos períodos de guerra. De acordo com Simone de Beauvoir (apud YAZBEK, 2008, p. 219), Sartre:

Compreendeu que, vivendo não no absoluto, mas no transitório, devia renunciar a *ser*, e decidiu *fazer*. Essa passagem lhe foi facilitada por sua evolução anterior. Pensando, escrevendo, sua preocupação primordial era apreender significações; mas depois de Heidegger, Saint-Exupéry, lido em 1940, convenceu-o de que as significações vinham ao mundo pelos empreendimentos dos homens: a prática levava a melhor sobre a contemplação. Ele me dissera, durante "*la drôle de la guerre*" /.../, que, assim que a paz retornasse, faria política.

É inegável a transformação que ocorreu no pensamento de Sartre, todavia não se deve identificar como um pensador com ideias diferentes. Toda a trajetória de Sartre e a maneira como ele entendeu a sua importância como intelectual na história o levaram ao envolvimento político social. Nosso objetivo não é denotar uma divisão da vida do filósofo, mas mostrar a importância de seu pensamento no âmbito social.

A obra *Diário de uma Guerra Estranha* (1939), como o nome sugere, é o resultado das anotações diárias de Sartre, sejam elas como um soldado comum, narrando o cotidiano de uma guerra e as experiências ali vivenciadas, seja como um notável pensador, deixando impressões e reflexões que contribuíram de maneira muito marcante para seu pensamento. Tal obra não seria publicada pelo filósofo. Ela é uma obra póstuma do autor. Suas principais reflexões giram em torno da liberdade. Por essa razão, seu principal tema permeia e se inter cruza com a ética, com a ontologia, com a política e com o social.

Sobre essa vivência na guerra, sobre todo o medo experimentado, compreendeu que: "[...] O medo é o órgão, o sentido por meio do qual o homem toma

consciência do mundo das trincheiras” (SARTRE, 1983, p. 11). O medo é necessário para sentir-se vivo. Sentir-se livre. É o medo tal qual a angústia, que põe o indivíduo em uma situação diferente do vivido cotidianamente. O medo o leva à reflexão e posteriormente à tomada de consciência, referente àquilo que está vivenciando. Nesse caso, todo aquele contexto vivenciado nas trincheiras possibilitou uma inquietação profunda no autor, gerando, porém, o desconforto que resultou em um posicionamento.

É importante ressaltar que Sartre nasceu em uma família burguesa, porém sempre teve repulsa à sua condição social. Isso era explorado por muitos de seus críticos que não se cansavam de lembrar-lhe os privilégios dessa sua posição. Por vezes, ele discutiu tal fato com os seus colegas de quarto, e uma vez foi questionado por um deles a respeito da renúncia de tais regalias. Sartre respondeu:

Existem os privilégios da paz e existe uma sociedade baseada nesses privilégios. Em tempos de paz, não se trata de um indivíduo renunciar aos seus privilégios, o que seria uma gota d'água no oceano, mas de lutar pela supressão de *todos* os privilégios [...] (SARTRE, 1983, p. 18).

Para o filósofo, não se trata, portanto, de uma tomada de posicionamento apenas individual, ações particulares isoladas não resolveriam problemas sociais concretos. Nas conversas diárias com seus colegas de quarto, Sartre já mostrava preocupação social.

Todos os indivíduos estão engajados de algum modo. Toda tomada de posição é um engajamento. Em uma guerra, escolhe-se um dos lados; se não houver tomada de posição, essa foi também uma escolha do indivíduo. A única coisa que não se pode fazer é não escolher, haja vista que a própria abstenção da escolha torna-se também uma escolha, o indivíduo escolheu abdicar. O que diferencia alguns indivíduos de outros é o sentimento de responsabilidade, a consciência de tais escolhas e suas abdições. É preciso, portanto, que seja despertada nos indivíduos tal conscientização da responsabilidade com a humanidade, o que se dá na medida em que o indivíduo tem ciência de que uma escolha projeta no outro suas consequências. Desse modo, anuncia o escritor:

Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que é. Quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o

homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens (SARTRE, 1973, p. 12).

O homem é responsável por suas escolhas e pelas consequências que dela resultarem, pois ele não tem nada que o preceda e o regule. Desse modo, ele é o autor de sua própria história, sendo, portanto, responsável por si próprio e também pelos outros na medida em que suas decisões interferem na vida dos demais.

Dessa forma, o indivíduo se molda e se refaz a cada experiência vivida, a cada escolha realizada. Não coloca a culpa em nenhuma divindade pelas conquistas ou tragédias de sua existência. Ele age da forma que lhe é possível para mudar a si mesmo e ao seu meio. A experiência de Sartre no contexto de guerras o fez adotar um posicionamento político notadamente mais engajado.

2.2. ENGAJAMENTO: DA VIDA ÀS OBRAS

Após essa vivência no mundo das trincheiras e ao sair da posição de soldado, Sartre filiou-se ao partido comunista no ano de 1952, porém rompeu em 1956, por divergências ideológicas internas, tendo escrito um livro com caráter de denúncia: *O fantasma de Stalin (1967)*.

Sartre foi uma figura emblemática. No ano de 1964, recusou o Prêmio Nobel de Literatura, por não concordar com as estruturas que o moldavam. Para Sartre, aceitar o prêmio seria reconhecer e legitimar a autoridade de tais juízes¹.

Participou de muitos movimentos sociais, como o movimento estudantil de 1968 (depois conhecido como o Movimento de Maio de 1968), que se originou de manifestação dos estudantes reivindicando direitos. O movimento ganhou tanta repercussão que trabalhadores se juntaram para buscar melhores condições de trabalho, carga horária menor e aumento de salários.

Sartre funda, juntamente com Merleau Ponty, o grupo Socialismo e Liberdade, a fim de atuar junto à resistência. O grupo espalhou panfletos clandestinos contra a ocupação alemã e os colaboracionistas franceses. Fundou também a Liga Democrático-Revolucionária (LDR), porém com cerca de um ano o grupo se desfez por não alcançar os objetivos propostos: a democracia.

¹ Sartre sabendo das especulações que envolvia o seu nome como o grande favorito a vencer o prêmio Nobel de Literatura, enviou uma carta em 14 de outubro de 1964 à Academia Sueca endereçada a Nils Stahle, então diretor da Fundação Nobel. Expressando a sua recusa ao recebimento de tal prêmio. Apresentava dois motivos para tal recusa: um de cunho pessoal e outro que não quis expressar. A carta datilografada está disponível nos anexos deste trabalho.

Além disso, o mais significativo foi uma revista de intervenção política e cultural que ficou amplamente conhecida na França, *Lés Temps Moderns*, que tinha Sartre e Merleau Ponty (1908-1961) como diretores, contando com as contribuições riquíssimas dos intelectuais, como, por exemplo, Aron (1905-1983) e Simone de Beauvoir (1908-1986), sendo apelidada carinhosamente por Sartre de Castor.

A revista foi criada em outubro de 1945 para defender a autonomia e os direitos das pessoas, como frisou na sua apresentação, adquirindo caráter político, literário e filosófico. Mesmo após a morte do filósofo, a revista permaneceu ativa com um cunho crítico e de denúncia contra o governo francês e outros, tendo seu fim em 2019, após a morte do seu diretor Claude Lazmann, no ano anterior.

Sartre, juntamente com Simone de Beauvoir, esteve no Brasil a convite dos escritores Jorge Amado e Zélia Gattai, que o haviam conhecido em reuniões do partido comunista. O autor também realizou uma conferência na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, tratando de política, liberdade, alienação e pressupostos marxistas. É importante frisar uma fala de tal conferência que, posteriormente, se tornou livro, na qual Sartre, a partir de pressupostos marxistas, destaca a questão da responsabilidade do indivíduo:

Mas esse conhecimento prático da Filosofia faz do filósofo um homem que deve se comprometer até o fim, pura e simplesmente porque já está comprometido e deve, assim, responder, em cada caso, diante de todos, por sua filosofia como por seus atos (SARTRE, 2019, p. 41).

Para Sartre, o engajamento não se dá apenas pelas ações diretas em sociedade. Ele é antes de tudo uma tomada de consciência do indivíduo referente à sua responsabilidade consigo e com o próximo: “Escolhendo-me escolho a humanidade”. Dessa forma, torna-se notável em Sartre seu viés ético; todas as suas obras e seu pensamento têm na ética sua sustentação.

A ideia de ter uma imagem universal de homem assemelha-se à ética kantiana, com seu conceito de universalização, porém seus pressupostos e objetivos se diferem. A ética de Kant é apriorística, tem suas bases na ontologia e tem pressupostos como boa-vontade. Já em Sartre, não significa estar preso a concepções éticas para agir de determinada forma pelo bem comum. Talvez não seja esse o caminho. Essa ética vivida por Sartre não tem como sustentáculo

princípios *a priori*. Cada escolha e cada “não escolha” implica diretamente o mundo à sua volta, haja vista que o próprio indivíduo molda o mundo e a sociedade.

O Autor compreende o homem como um nada, no qual o ser é moldado, entendendo que cada ação que tomamos incide diretamente na sociedade, pois nela vivemos e nos relacionamos. Dessa forma, cada atitude tomada vai atingir direta ou indiretamente a vida dos demais indivíduos. É, sem dúvidas, um produto do meio, mas que tem em suas atitudes influências que recaem sobre si em cada palavra e em cada silêncio. Trata-se, pois, de uma ética da responsabilidade.

Na concepção do filósofo, o homem está só no mundo, sem desculpas. Dessa forma, o homem não poderá em nenhuma hipótese colocar a culpa das suas ações no outro. O indivíduo não pode estar, portanto, além ou aquém do que ocorre em seu contexto. Assim, de acordo com Japiassu (2001, p. 61):

O engajamento é a tomada de consciência pelo homem, de que ele é um ser-no-mundo, está sempre situado, devendo lutar contra todo quietismo, contra toda atitude contemplativa para comprometer-se por sua ação com a mudança desse mundo, de nossa realidade histórica.

Ele carrega consigo uma liberdade total e intransferível. Agredir alguém com a desculpa de que foi insultado, será escolha sempre sua e não do outro, bem como agir de determinada maneira por estar recebendo ordens. Foi uma escolha acatar tais ordens. Não é permitido e nem possível assumir uma neutralidade. Tal terminologia não existe na filosofia Sartreana. O “neutro” já fez sua opção: a de delegar a outrem sua decisão. Haveria outros caminhos e infinitas possibilidades. Em tantos leques de opções, o indivíduo pode, de fato, renunciar às suas escolhas e atribuí-las a outros. Todavia, ele precisou em primeira instância tomar tal atitude.

O Existencialista compreende então que, sendo o homem livre por excelência, não pode abdicar dessa liberdade, de maneira que não poderá abdicar da responsabilidade. Toda ação tomada é antes de tudo uma compreensão subjetiva, ação que incide diretamente na sociedade. Nada se dá de modo particular. Apesar dos indivíduos serem livres, tal liberdade só poderá ocorrer dentro de determinada situação, composta por si, pelas circunstâncias objetivas e subjetivas, como também pelo outro.

Essa liberdade compreendida por Sartre não é a liberdade de realizações, ou seja, ser livre não significa necessariamente fazer aquilo que deseja. Trata-se,

nas próprias palavras do autor, de uma liberdade de eleição. Escolher com responsabilidade, de acordo com as possibilidades existentes. A existência é composta por uma sucessão de ações e tais atitudes exigem comprometimento.

Liberdade, para Sartre, implica angústia porque o homem sempre estará posto a tomar decisões. Realizar escolhas e escolher sempre implica renúncia porque quando se escolhe algo, são renegadas milhares de outras possibilidades. Quando um estudante, por exemplo, decide dedicar-se à sua profissão, ele escolhe livremente dedicar horas a fio do seu dia para empenhar-se nos estudos. Todavia, ele renunciou também a diversas outras coisas que poderia estar realizando naqueles momentos. Tais escolhas são, para Sartre, angustiantes (SILVA, 2018).

É por ser livre e finito que toda atitude se torna angustiante para o homem. Também é por isso que muitos críticos dessa filosofia a caracterizam como uma doutrina pessimista. Sartre rebate tais críticas afirmando que, na verdade, seu existencialismo é em si um humanismo, pois permite ao indivíduo ser seu projeto de homem, assumir a direção da sua existência. Mesmo sabendo que o indivíduo sofre influências do meio social, econômico, familiar e educacional em que vive, ele é o autor principal da sua história.

O homem é, portanto, um projeto que, imbricado nessa situação de espaço-tempo, faz e se refaz, na medida em que age em seu meio. É um projeto porque o homem, primeiramente, não é nada. Ele não possui uma essência, ele projeta ser. Em direção ao futuro, em direção ao outro. Projetos que ora podem ser executados, ora não. Como já visto, a liberdade existencialista proposta por Sartre não é importante para que o homem possa realizar, mas para que possa sempre escolher.

Dessa forma, toda ação se dá intencionalmente. Está aí outro princípio da filosofia Sartreana: a intencionalidade. Ação, para Sartre, ocorre quando o indivíduo sabe o que está fazendo. De forma mais clara, na medida em que o indivíduo realiza o ato, estará realizando seu projeto. Significa que o homem age na medida em que realiza intencionalmente um projeto consciente. O ato, para Sartre, torna-se uma expressão da liberdade. Em *O ser e o nada* (1943), ele exemplifica seu conceito de ato:

O fumante desastrado que, por negligência, fez explodir uma fábrica de pólvora não agiu. Ao contrário, o operário que, encarregado de dinamitar uma pedreira, obedeceu às ordens

dadas, agiu quando provocou a explosão prevista: sabia, com efeito, o que fazia, ou, se preferirmos, realizava intencionalmente um projeto consciente (SARTRE, 2015, p. 536).

Do mesmo modo, para o indivíduo realizar um ato precisa antes de motivos que Sartre chama *móbeis*. Nem sempre as consequências desses atos são previstas ou controláveis, importa a adequação do resultado à intenção. Para ser ato, deve ser sempre livre, motivado, intencional e projetável.

Além disso, devido à liberdade, todo ato pressupõe engajamento de todo e qualquer indivíduo. Todavia, existe uma parcela da camada da sociedade que deve, mais que qualquer indivíduo singular, engajar-se: os intelectuais. E é por meio da literatura que esse papel se aflora, sempre de forma situada.

3. POR UM ENGAJAMENTO RESPONSÁVEL

3.1. CRÍTICA AOS INTELECTUAIS DO SÉCULO XX

No século XX, existiu um contexto envolvendo a sociedade capitalista com grande concentração de capital e a criação de grandes conglomerados econômicos, com grande disparidade de rendas, tornando uma sociedade mais desigual e, conseqüentemente, gerando fome e pobreza.

Devido às péssimas condições de trabalho e de renda, muitos trabalhadores se organizaram politicamente em comitês, assembleias e sindicatos, com o intuito de resolver pautas mais urgentes de insalubridade de cargas horárias elevadíssimas. Posteriormente, passaram a conquistar alguns direitos. Entretanto, a burguesia usou estratégias para afirmar sua supremacia, melhorando sua representação. Em virtude disso, anuncia o pensador:

A burguesia sente a necessidade de se afirmar como classe a partir de uma concepção global do mundo, quer dizer, de uma ideologia: tal é o sentido do que foi chamado de 'crise do pensamento na Europa ocidental'. Essa ideologia, não serão os clérigos que a construirão, mas os especialistas do saber prático: homens da lei (Montesquieu), homens de letras (Voltaire, Diderot, Rousseau), matemáticos (D'Alembert), um intendente-geral (Helvétius), médicos etc. Eles tomam o lugar dos clérigos e se chamam filósofos, quer dizer, 'amantes da Sabedoria'. A sabedoria é a Razão. Além de seus trabalhos especializados, trata-se de criar uma concepção racional do Universo que englobe e justifique as ações e as reivindicações da burguesia (SARTRE, 1994, p. 19).

Entende-se que os filósofos e intelectuais da época foram utilizados como massa de manobra, como forma de conceituar, desenvolver, promover maior credibilidade à burguesia e justificar suas ações, criando uma ideologia respeitável, por figuras que são, ao menos por títulos, amantes de uma sabedoria e conhecedores de um todo.

Sartre defende uma literatura engajada. Para tanto, faz-se necessário ter, primeiramente, escritores e intelectuais engajados. Na obra *Em defesa dos intelectuais* (1994), resultado de conferências dadas em Tóquio e Quioto, em setembro e outubro de 1965, critica os intelectuais daquela época pela postura negativa na contramão daquilo que Sartre compreende por intelectual, que seria alguém que se coloca em oposição às estruturas de poder estabelecidas. Sartre critica o próprio termo, que já tem em sua constituição um sentido depreciativo. Para explicar isso, ele utiliza-se do caso Dreyfus:

Para os anti-semitas e militaristas que atacavam o oficial Dreyfus, francês de origem judaica, muitos de seus defensores, entre os quais a figura iminente de Zola, eram vistos como “intelectuais”. Isso significava que eram vistos como pessoas que, abusando de uma celebridade conquistada em outros campos, por exemplo, a ciência ou a literatura, entravam a tratar de assuntos que não entendiam (SARTRE, 1994, p. 6).

Dessa forma, não é necessário ser especialista em um assunto para debater, como, por exemplo, política e economia. Bastava que fosse reconhecidamente notável em outra área. Em outras palavras, para ser considerado um intelectual, nem sempre o indivíduo precisava ser especialista naquela área ou assunto. Grande parte dos intelectuais era de membros da burguesia ou do clero. Isso tem uma explicação clara: apenas essas duas camadas da sociedade possuíam acesso a livros e aos estudos.

Para Sartre, apesar desse episódio depreciativo que os intelectuais viveram, o papel desses se tornou necessário na sociedade, mais: faz-se indispensável que esses intelectuais sejam engajados em relação aos problemas enfrentados na época em que vivem, que possam ser representantes das minorias, tomando por responsabilidade despertar uma consciência crítica de massas.

O autor define o intelectual como um indivíduo, especialista do saber prático, que foge dessa simples especialidade e torna-se crítico de si mesmo e daquilo que faz. É então a criticidade que transforma o especialista em um intelectual, e, para

Sartre, tal criticidade é adquirida nas experiências sociais.

Na concepção do autor, o intelectual é forjado dentro de uma contradição porque se encontra no interior de estruturas previamente estabelecidas de poderes, dentro da classe burguesa. Seu papel é justamente expor e criticar tais estruturas de poder da classe dominante e de verdades prévias. Dessa forma, ele é um ser em constante contradição.

Entender que o intelectual pode e deve fazer mais é o que faz Sartre ao lançar-se em sua defesa; sendo necessário se rebelar. É só assim que, para o escritor, o especialista torna-se um intelectual. Portanto, rebelar-se é antes de tudo ficar contra as estruturas de poderes nas quais está intimamente inserido, não no sentido de negá-la ou de destruí-la, mas de conscientizar-se. Seria necessário primeiramente ter consciência de que ele olha de dentro, que é um indivíduo privilegiado pelas estruturas que critica. É tomando consciência dessa contradição, que é de ordem social, que o especialista do saber prático se torna intelectual:

A natureza de sua contradição obriga-o a se *engajar* em todos os conflitos de nosso tempo porque todos são – conflitos de classes, de nações ou de raças – efeitos particulares da opressão dos desfavorecidos pela classe dominante e porque em cada um deles ele está, ele, o oprimido consciente de sê-lo, do lado dos oprimidos (SARTRE, 1994, p. 40).

Tal obrigação não é inata ao intelectual, mas construída. Dá-se apenas quando ele toma consciência de si e do outro; da realidade na qual está inserido; das desigualdades que o cercam e de seu papel como intelectual. É dessa maneira que ele se torna engajado e atuante a partir de cada palavra e de cada ação. Ele torna-se também responsável por tais decisões, devendo, por meio de suas obras, despertar tal engajamento, usando seu lugar de destaque e influência para disseminação de suas ideias.

Desse modo, para Sartre o objetivo do intelectual deve ser o de despertar uma consciência de massas e, conseqüentemente, uma ação política coletiva. Assim, o intelectual precisa ser o espelho do seu tempo, cada palavra e cada silêncio significando engajamento e tomada de direção.

Ainda para Sartre, não há descontinuidade entre o escritor, o filósofo e o intelectual. Eles podem e estão muitas vezes em uníssono. O filósofo tem de ser necessariamente intelectual e, para apresentar suas ideias e teorias, necessita da

escrita, para que seu pensamento não se esgote em discursos. Falar, agir e escrever são, para Sartre, indissociáveis.

Há uma divisão entre os estudiosos com relação à posição de Sartre, sobre se o escritor de fato lança uma defesa do engajamento do intelectual. O questionamento a esse respeito existe porque o pensador não defende apenas o engajamento da classe intelectual, uma vez que o engajamento é uma ação que deve ser vivida por todos. Como os intelectuais são parte desse todo, também devem assumir tal postura comprometida com o social.

Sartre indica a obra *Em defesa dos intelectuais* (1994) a respeito dessa classe devido ao contexto histórico em que eles vivem. Estando em um tempo histórico em que os intelectuais não só perderam a credibilidade, como também deixaram de lado também sua função social, de certo modo foram vistos como traidores da referida função. Contudo, Sartre defende que alguns ainda se mantiveram fiéis a essa postura desinteressada, por meio da qual falam livremente sem amarras a uma cultura serviçal.

Portanto, para Sartre o intelectual-filósofo-escritor pode despertar no outro a consciência de si para o engajamento, tendo em vista que toda ação pressupõe engajamento e todo indivíduo é livre.

3.2. LITERATURA ENGAJADA

Desse modo, ter intelectuais engajados significa também ter escritores comprometidos com a sua época. Apesar de Sartre valorizar as demais formas de expressão artística, a literatura é para ele, a forma mais pura e concreta de desvelar o mundo para o outro porque as demais artes, como pintura, música e escultura dão a possibilidade de extrair sentimentos e interpretações que, às vezes, podem fugir até do que o próprio artista planejou.

Dentre as diversas artes, ele faz questão de distinguir a escrita. A literatura engajada para o filósofo é a prosa. É ela que possui tal papel. A poesia, para ele, assimila-se com as demais artes, como a pintura, a escultura e a música. O poeta não busca por uma verdade e não deseja nomear o mundo.

Dessa forma, a poesia, bem como as demais artes, não possuiria, na visão de Sartre, uma finalidade. E não tem por obrigação desvelar o mundo porque ela é uma finalidade em si mesma; a arte pela arte, não contendo nenhum papel social.

Para o escritor, a literatura é a arte por excelência, no sentido de que esta é a única que desperta nos indivíduos a possibilidade para ações críticas e revolucionárias.

O autor não menospreza as demais artes. Elas também podem promover uma reflexão profunda no espectador. O principal fator que diferencia esses outros tipos de arte da escrita são os signos, estruturas já estabelecidas. Não há margem para uma interpretação. É o autor que, nesse caso, conduz o leitor pelos caminhos que deseja traçar. Por exemplo: “O escritor pode dirigir o leitor e, se descreve um casebre, mostrar nele o símbolo das injustiças sociais, provocar a nossa indignação” (SARTRE, 1993, p. 12). Isso nunca seria possível, de acordo com Sartre, através de uma pintura, por exemplo.

Perguntas como: “o que é escrever?”, “por que se escreve?” e “para quem se escreve?” não costumam ser debatidas. Para responder a elas, Sartre escreve um livro já mencionado: *Que é a literatura?* (1964), que visa a responder às questões citadas anteriormente e pôr fim à própria questão contida no título da obra. É fato consumado que a escrita é importante. Escrever, para Sartre, é um ato conjunto. Uma obra literária pertence tanto ao escritor quanto ao seu respectivo leitor. Mas o que é em si escrever? A escrita é o ato de desenvolver signos, transpor significados, detalhar e esclarecer o mundo. A escrita é algo também externo e social, o que se escreve é resultado da sociedade e nela resulta.

Mas por que escrever? Principalmente porque é por meio da escrita que o ser consegue descrever o mundo e descrevê-lo também de forma crítica, ou seja, possibilitando dar visibilidade a questões não esclarecidas, pondo em questão verdades estabelecidas.

E a principal questão: para quem se escreve? A escrita tem um público alvo, um objetivo. O escritor, quando desenvolve seus pensamentos em forma de signos e palavras, espera com isso alcançar um objetivo e pessoas. A escrita deve ser livre, todavia, por vezes, ela serve ao que ou a quem.

E era justamente isso que Sartre criticava: a postura com a qual os intelectuais por tempos serviram aos interesses da classe burguesa, deixando de ser uma escrita livre e passando a ser uma escrita serviçal. O escritor deve ser engajado em toda palavra que professa, em cada ação praticada. O encadeamento do seu texto, se não despertar um senso crítico no leitor, deve despertar ao menos um choque de realidade:

A função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele. É uma vez engajado no universo da linguagem, não pode nunca mais fingir que não sabe falar: quem entra no universo dos significados, não consegue mais sair (SARTRE, 1993, p. 21-22).

O autor tem a função de descrever o mundo criticamente. Sendo assim, a escrita exige permanente compromisso do escritor consigo e com a realidade na qual está situado. Ela é, então, sempre direcionada a algum grupo e possui uma linguagem específica. Para Sartre, o objetivo do escritor é revelar o mundo, o ser ou as coisas tais como são, sendo necessário para isso explicar fenômenos ou acontecimentos, direcionando o leitor a compreendê-los da forma como o escritor almeja. A escrita deve ser, portanto, sempre premeditada, visando a determinados resultados, mesmo que nem sempre sejam alcançados.

A literatura é uma produção histórica na qual o homem está sempre em situação. Dessa forma, o indivíduo escreverá sempre tensionado por seu tempo e sua época. Como já visto antes, é dentro da situação que o homem desenvolve uma liberdade e projeta seu ser em direção ao futuro. A liberdade é um dos temas mais discutidos dentro de suas obras literárias, bem como de sua filosofia e de sua vida. É também por meio da liberdade que a literatura se torna possível, pois ela só se concretiza quando existe a liberdade do escritor e do leitor.

A arte literária, por ser humana, é necessariamente engajada, e o engajamento confere espaço para liberdade, que resulta em responsabilidade. Eis aí o papel do literato: o de despertar no indivíduo um caminho que o leve a uma consciência de si e do outro. A consciência de seu papel, ou melhor, de estar envolvido no mundo. Em virtude disso ratifica o pensador:

Eu diria que um escritor é engajado quando trata de tomar a mais lúcida e integral consciência de ter embarcado, isto é, quando faz o engajamento passar, para si e para os outros, da espontaneidade imediata ao plano refletido. O escritor é mediador por excelência, e o seu engajamento é a mediação (SARTRE, 1993, p. 62).

Dessa forma, o escritor não interfere na liberdade do leitor. Dá-se o contrário: ao desvelar o mundo por meio dos signos, o autor requisita a liberdade do leitor, de ler a sua obra, de compreendê-la e assimilar sua existência, de sair do plano da contemplação das palavras e adentrar no território da ação.

Liberdade, engajamento e responsabilidade são temáticas basilares na obra

Sartreana, e a literatura tornou-se para Sartre um dos caminhos possíveis para despertar no indivíduo a consciência de sua própria liberdade e a responsabilidade que ela infere. Existir é ser livre, e essa liberdade requer engajamento total e desprendido.

3.3. LIBERDADE E RESPONSABILIDADE

Não apenas a literatura, como as demais formas de expressão artística, política ou cultural, têm de serem livres porque são criações humanas, sendo humanas são livres, visto que o homem é liberdade. Ele não tem de corresponder a nenhuma expectativa criada sobre seu modo de existir no mundo. Não tem influências de vidas passadas (como assim entendem os espíritas) e também não tem um fim determinado (céu ou inferno), devendo ser razoavelmente bom para alcançar o paraíso (sendo o caminho que deve ser traçado através da ótica cristã). Não é isso.

Para Sartre, não existe nada que anteceda ou suceda o indivíduo, ou ao menos, ele deve agir como se não houvesse. Isso faz lembrar o pensamento conhecido de Dostoievski, que também é um dos princípios existencialistas: “Se Deus não existisse, tudo seria permitido”. Daí para Sartre, todos os indivíduos devem agir levando em consideração essa hipótese. Não importa se Deus existe ou não, essa não é a questão. No fim, haja como se ninguém estivesse te vigiando além de você mesmo. Como se você não tivesse que corresponder a obrigações ou desejos externos. Porque de fato não tem.

Após uma ação ser tomada, essa já está lançada no mundo. Portanto, exige-se que o autor se responsabilize por isso. Isso porque para Sartre “Todo projeto, por mais individual que seja, tem um valor universal” (SARTRE, 1973, p. 22). O indivíduo não se preocupa apenas com o resultado da sua ação incidindo sobre si mesmo, mas com todo o mundo à sua volta:

Neste sentido, podemos dizer que há uma universalidade do homem; mas ela não é dada, é indefinidamente construída. Eu construo o universal escolhendo-me; construo-o compreendendo o projeto de qualquer outro homem, seja qual for a sua época (SARTRE, 1973, p. 23).

Viver em uma época específica: eis aí outro princípio importante para uma compreensão de como se dá o engajamento na filosofia de Sartre. As ações não são

imóveis, devendo ser as mesmas sempre. Os motivos e resultados a serem colhidos de uma ação dependem em grande parte do contexto no qual o ser está inserido, ou melhor, em qual época ele está situado:

As situações históricas variam: o homem pode nascer escravo numa sociedade pagã ou senhor feudal ou proletário. Mas o que não varia é a necessidade para ele de estar no mundo, de lutar, de viver com os outros e de ser mortal (SARTRE, 1973, p.22).

Dessa forma, apesar de todas as contingências que possam existir, a liberdade e o engajamento devem ser constantes. A liberdade em Sartre não pode ser compreendida apenas em uma perspectiva ontológica. Liberdade em Sartre é, acima de tudo, engajamento, um engajamento responsável, que deve ter em si motivos que se adequem ou sirvam como parâmetros universais. É uma liberdade totalmente oposta à dos empiristas e economistas ingleses, por exemplo. Não diz respeito a uma liberdade econômica e política apenas. É uma liberdade que está presente no homem desde o primeiro até o seu último suspiro, sendo impossível negá-la. Nesse sentido, anuncia Sartre (2015, p. 678):

Tudo aquilo que me acontece é *meu*; deve-se entender por isso, em primeiro lugar, que estou sempre à altura do que me acontece, enquanto homem, pois aquilo que acontece a um homem por outros homens e por ele mesmo não poderia ser senão humano.

Por isso, toda escolha é para Sartre angustiante, pois ele está só no mundo. É o ser, com sua própria consciência, não podendo atribuir responsabilidades a ninguém além de si mesmo. E nada foge ao território do humano, independentemente da situação vivenciada. Para o filósofo, sempre teremos a liberdade de escolher, mesmo que a situação pareça a mais absurda possível.

Na obra *O ser e o nada* (1943), Sartre mostra uma situação provável de um indivíduo, por exemplo, na Segunda Guerra Mundial, capturado pelo exército alemão, tendo de ser conivente com o nazismo, pois estaria sofrendo ameaças. Todavia, para Sartre, ainda assim ele poderia escolher, e se nenhuma outra alternativa pudesse ser possível, o suicídio, por mais absurdo que seja, seria ainda uma alternativa. O que o escritor quer mostrar com isso é justamente que a escolha será impreterivelmente sua, por mais complexa que possa ser.

Daí que liberdade e engajamento estarão sempre atrelados e serão indissociáveis em seu pensamento. O homem só poderá engajar-se na medida em

que detém o poder de escolher ser engajado. E, ao tomar a decisão, nunca mais poderá renunciar-lhe. Não no sentido de que o indivíduo não possa aliar-se a um partido e depois desistir de tal aliança: ele pode. O próprio Sartre fez isso com relação ao partido comunista. O que se segue é que a escolha já foi feita, foi vivida, tornou-se parte do seu ser e o fez. Constituiu seu projeto de homem, e o homem jamais poderá fugir a tal responsabilidade.

Essa tríade Liberdade, Responsabilidade e Engajamento não são sustentáculos apenas do pensamento ético e político sartreano, mas de toda a sua filosofia e de sua literatura, inclusive de sua própria vida, como figura pública atuante na sociedade. O engajamento é uma tomada de posição responsável diante de si e do mundo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Política é uma das áreas mais importantes e mais debatidas da filosofia, desde os pré-socráticos até os contemporâneos. Ela desperta interesse de grande parte das pessoas porque a política é atividade prática e por maior que seja a recusa do indivíduo de se envolver com as questões que a circundam, apresenta-se imbricado em tal meio, não tendo como recusar-se a participar.

Engajamento é, portanto, ação. É tomada de posição subjetiva que resulta em atitudes concretas. Daí, entender a atividade prática, real, vivenciada por Sartre foi uma questão importante para a constituição desse trabalho. Filosofia é *práxis*, política é *práxis*, e Sartre foi uma das figuras que mais vivenciaram na prática os seus próprios discursos. Ele mostrou com a própria vida e com o modo de fazer filosofia que a política é atividade vivida. Ela não se restringe às salas de aulas, aos gabinetes dos políticos ou aos escritórios dos intelectuais. Mais do que isso, a política pode ser feita na rua, junto ao povo, em manifestações, em panfletagem, em discursos, em assembleias, comitês, na internet e nos meios de comunicação. É atividade diária e incessante, individual, como também coletiva.

Foi isso que Sartre vivenciou no contexto histórico do período entreguerras. A obra *Diário de uma guerra estranha* (1939) foi importante para a constituição desse trabalho, como forma de compreender o engajamento de Sartre na prática, desde meteorologista do governo francês a prisioneiro alemão. Ele vivenciou um período em que a liberdade não foi só atacada, mas foi retirada dos indivíduos. Por isso

que, para o pensador, a liberdade não é dada, mas conquistada. Foi então que Sartre soube o valor disso em cada oportunidade que ele teve em sua existência, e, mais do que nunca, essa liberdade foi vivida pelo escritor.

O engajamento político apresenta-se como uma forma de conscientização da realidade vivida, e, em seguida, no esforço desempenhado pelo indivíduo para transformar a realidade na qual está situado, visando a resolver os problemas enfrentados, principalmente naquilo que tange aos aspectos socioeconômicos.

Uma das figuras sociais que mais se compreendem dentro dessa responsabilidade é o intelectual. Por ter um papel mais ativo na sociedade, é ele que, além de porta voz das minorias, deve despertar tal responsabilidade, possibilitar caminhos que levem o leitor a compreender seu papel engajado na sociedade.

Dessa forma, o estudo e a escrita desse trabalho, além de representarem afinidade pessoal pela área e pelo referido filósofo, são de grande relevância para a História da Filosofia. Além disso, em um mundo cada vez mais polarizado e submerso em *fake news*, uma consciência de responsabilidade e engajamento é requisitada, devendo ser motivo de debates e pautas políticas e acadêmicas. Tendo em vista os cenários políticos e a forma como o mundo tem feito política nos últimos anos, o entendimento do engajamento é cada vez mais necessário.

A temática “O engajamento político na filosofia de Sartre”, é ampla e pode ser estudada por diferentes perspectivas e objetivos. Tendo em vista o estilo e caráter deste trabalho, não foi possível esgotar todas as considerações desejáveis e aprofundar ainda mais essa discussão, o que poderá ocorrer em continuações futuras deste estudo.

Todavia, este trabalho monográfico cumpre seus objetivos na medida em que foi possível expor o engajamento Sartreano por meio de sua escrita, sua vivência e seu pensamento. O homem nasce livre, e como não possui nada que o regule, como ele não possui uma essência, ele sempre pode mudar os rumos de seu projeto de existência, mas ele está preso às circunstâncias que não criou. Contudo, como o homem é um ser em construção, ele conquista, luta e resiste contra todo tipo de opressão por sua liberdade. Essa liberdade é total e intransferível. Dessa forma, cada ação tomada é necessariamente responsável, mesmo que o indivíduo não tenha consciência disso. Cada ação individual se reflete sempre no seu meio. Toda ação é política por mais simples ou singular que seja. O indivíduo está sempre, portanto, engajado em cada ato, em cada palavra e em cada silêncio.

REFERÊNCIAS

COHEN-SOLAL, Annie. **Sartre**: uma biografia. Tradução de Milton Persson. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2008.

JACOBELIS, Paola Gentile. **Contradição, engajamento e liberdade**: reflexões de Sartre sobre o intelectual do século XX. Franklin Leopoldo e Silva: orientador. São Paulo, 2011.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

SARTRE, Jean-Paul. **Diário de uma guerra estranha**. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. **Em defesa dos intelectuais**. Tradução de Sérgio Goes de Paula. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de Vergílio Ferreira. 1.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Coleção os pensadores).

_____. **O ser e o nada**: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. 24.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

_____. **Quê é a literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

SILVA, Francisco Amsterdan Duarte da. **Sartre, Camus e o problema do engajamento político**. 2018. 161 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

YAZBEK, André Constantino. **Itinerários cruzados**: os caminhos da contemporaneidade filosófica francesa nas obras de Jean-Paul Sartre e Michel Foucault. 2008. 356 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

ANEXOS**ANEXO A**

DECLARAÇÃO

Eu, Márcio Vinícius Barreto da Silva, portador do CPF 013.595.994-28, declaro para os devidos fins de direito que se fizerem necessários que revisei a monografia intitulada **O engajamento político na filosofia de Sartre**, de autoria de Erizoneide Santos Amorim, e considero o texto apto a ser recebido para publicação.

Mossoró/RN, ____/____/____



Márcio Vinícius Barreto da Silva
CPF: 013.595.994-28

DECLARAÇÃO

Eu, Márcio Vinícius Barreto da Silva, portador do CPF 013.595.994-28, declaro para os devidos fins de direito que se fizerem necessários que revisei o resumo em Língua Inglesa (*Abstract*) presente na monografia intitulada **O engajamento político na filosofia de Sartre**, de autoria de Erizoneide Santos Amorim, e considero o texto apto a ser recebido para publicação.

Mossoró/RN, ____/____/____



Márcio Vinícius Barreto da Silva
CPF: 013.595.994-28

ANEXO B

J. P. Sartre
 222 Bd. Raspail
 Paris
 14 Octobre 64

Monsieur le Secrétaire

D'après certaines informations dont j'ai eu connaissance
 aujourd'hui, j'aurais, cette année, quelques chances d'obtenir
 le Prix Nobel. Bien qu'il soit très improbable de décider
 d'un vote avant qu'il ait eu lieu, j'espère à l'instant la
 liste de vous écrire pour dissiper ou éviter un malentendu.
 Je vous salue d'abord, Monsieur le Secrétaire, dans votre
 nom pour l'Académie Suédoise et pour le prix dont elle
 honore tant d'écrivains. Toutefois, pour des raisons qui
 sont personnelles et pour d'autres, plus objectives, qu'il n'y a
 pas de développer ici, je dirai ne pas figurer sur la liste
 des candidats possibles et je ne puis ni ne veux - ni en 1964 ni
 plus tard - accepter cette distinction honorifique.

Je vous prie, Monsieur le Secrétaire, d'accepter mes
 vœux et de croire à ma très haute considération

J. P. Sartre

ANEXO 1 - Manuscrito da carta que Jean-Paul Sartre enviou à Academia Sueca.